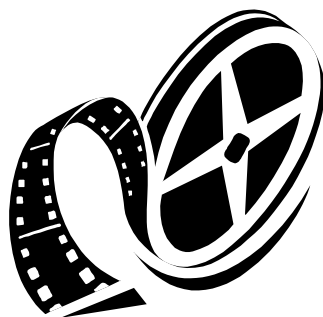




Estórias de Curta-Metragem

Introdução -	2
Gemini -	3
O Templo -	4
Congelado -	6
Contato -	10
Vlad -	13
Consciente -	18
Delusion -	21
Urgh! -	23
O Reflexo -	24
O Filho de Sirius -	25
Egofobia -	31
A Ampulheta -	35

Escrito por Pedro Luís Bello Daldegan

INTRODUÇÃO

Estórias de Curta-Metragem é uma coletânea de contos que tem esse nome por duas razões. Primeiramente por se tratar de contos, estórias curtas, de curta metragem. Além disso, e principalmente, por se tratar de estórias inicialmente concebidas para serem transformadas em filmes de curta-metragem, e que por se prestarem também à linguagem escrita, tomaram forma literária própria, independente de terem sido filmadas ou não.

De fato, algumas estórias – *Gemini*, *Contato*, *Vlad*, *Delusion*, *Urgh!*, *O Reflexo*, *O Filho de Sirius* e *Egofobia* – existem em versão para as telas, em forma de curta-metragens em vídeo produzidos, com exceção de *O Filho de Sirius*, pela *Kobold Pictures*, enquanto outras – *O Templo*, *Congelado*, *Consciente* e *A Ampulheta* – nunca chegaram, por motivos diversos, a ser filmadas.

Talvez caiba aqui algumas palavras sobre a *Kobold*, autodenominação de um grupo de cinco amigos adolescentes que nos anos de transição entre as décadas de 80 e 90 passavam seu tempo livre fazendo filmes curtos em vídeo para se divertir. Eu era o diretor, e autor da grande maioria dos roteiros, alguns dos quais encontram-se aqui, transformados em contos – o equivalente em literatura aos curta-metragens no cinema. Fazíamos cinema, mesmo que em vídeo, pois a linguagem transcende o formato.

Nossos filmes, ou *Quick Movies* como nós os chamávamos, porque eram, além de curtos, feitos muito rapidamente, quase como um susto, têm em comum uma temática fantástica, além de serem muito parecidos em seu estilo e linguagem. Talvez isso possa se fazer sentir aqui, nesses contos.

Vale salientar ainda que, por se tratarem de filmes curtos, e mudos, não havia muito espaço, ou talento talvez, para se explorar as personagens a fundo. Isso foi feito apenas na medida do possível, a grande ênfase das estórias *koboldianas* sempre foi a idéia, o núcleo fantástico da estória.

Enfim, *Estórias de Curta-Metragem* é mais cinema em literatura do que literatura propriamente dita. Os contos aqui reunidos são mais fruto do ímpeto de se filmar do que do ímpeto de se escrever. Isso não diminuiu, no entanto, em nada meu prazer em escrevê-las, pelo contrário. Espero que possam ser lidas da mesma forma.

Santa Rita do Passa Quatro, Junho de 1997

GEMINI

Vem Felipe se contorcendo, mantendo a lisa musculatura da bexiga contraída, guardando o líquido para que não lhe vaze nas roupas. Acha um lugar adequado: pobre moita! Pouco antes da musculatura se soltar, todavia, Felipe vê jogada no chão uma garrafa vazia. Apelo ecológico: urine na garrafa! Foi o que fez. “Foi uma boa ação.”, pensou. Teria sido se tivesse sumido com a garrafa. Não foi o que fez. Simplesmente foi-se embora deixando-a ali mesmo.

O tempo passou: minutos, talvez horas. Chega Romão à moita. Não tinha intenção de urinar, nem de defecar. Simplesmente chegou, nem nada para fazer. Também não sentia nada: nem frio nem calor, nem fome nem sede, nem sono nem nada. Simplesmente chegou. E assim que chegou, deparou-se com uma misteriosa garrafa cheia de um misterioso líquido. Sem nada para fazer, sem nada para sentir, nem nada a perder, bebeu seu conteúdo. Sentiu sono e dormiu.

O tempo passou novamente. Romão acordou. Acordou com as mesmas roupas, mas com o corpo diferente. Acordou com o corpo daquele a quem pertenciam os direitos autorais do misterioso líquido. Havia agora dois Felipes, um deles com alma de Romão.

E Romão saiu a caminhar, sem saber aonde ir ou o que encontrar. Caminhou durante algum tempo e encontrou com alguém. Para ele era apenas mais um desconhecido; mas para Felipe, Romão era uma réplica de si. Olhou perplexo para ele, sem entender o que ocorria. Romão, por sua vez, olhava naturalmente para Felipe, sem saber que tinha a face transformada naquela face que via, sem entender porque o outro estava tão perplexo. Permaneceram alguns instantes a se olhar até que Felipe virou-se e foi embora. Romão deu de ombros, continuou a caminhar.

E o tempo passou, e Romão estava a caminhar, ainda sem destino, quando começou a sentir necessidade de soltar a musculatura da bexiga. Procurou por uma moita e urinou. Ao fechar o zíper de sua calça, estava de volta ao seu corpo. Era novamente Romão, em todos os sentidos.

Santa Rita do Passa Quatro, Outubro de 1988

O TEMPLO

Perseu não estava estudando mitologia, estava olhando figuras e copiando textos para um trabalho. Às vezes se impressionava com a perfeição de algumas pinturas e principalmente das esculturas. “Isto é que é arte!”, pensava. “Não os rostos tortos nem os borrões que se fazem hoje.”

Enquanto apreciava a fotografia de uma escultura, notou um zumbido. Não sabia dizer quando começara. Estava distraído e era quase imperceptível. Mas agora ele tinha notado. Foi até a porta da frente, de onde parecia ter origem.

Uma estranha luz penetrava pelas frestas da porta e agora o zumbido era mais alto. O medo era grande, mas a curiosidade foi maior. Perseu abriu a porta. O zumbido parou.

Na varanda havia um estranho vaso, e uma estranha luz emergia dele. Perseu ajoelhou-se a sua frente e meteu a mão dentro dele. A imagem de uma bela mulher formou-se em sua mente. Primeiro de corpo inteiro, estendendo-lhe a mão como se o chamasse. Em seguida apenas seu rosto. Tinha uma face angelical, mas expressão triste.

De dentro do vaso Perseu tirou uma chave. Olhou para ela. Parecia uma chave comum. Continuava ajoelhado diante do vaso, mas não mais em sua varanda. Parecia perdido no meio do mato. A sua frente havia uma construção. Não era grande. Poucos metros de altura, mais alta do que larga ou comprida. Parecia uma capela, ou um templo, não fosse pela arquitetura que não era nem sacra nem clássica. Havia uma porta, e uma fechadura nela.

Contemplou a construção por instantes, até que resolveu testar a chave que segurava. Dirigiu-se vagarosamente até lá. Enfiou-a na fechadura e lentamente a girou. A porta se destrancou. Perseu a abriu e entrou.

Havia muita fumaça, logo ficou alguns instantes sem nada enxergar. A porta continuava atrás dele, mas as paredes que deveriam cercá-lo não estavam lá, e a fumaça não era fumaça, era neblina. Atravessou a porta para um lugar fechado e chegou a um lugar aberto. Parecia um campo.

Andou alguns passos a frente. A sua esquerda havia um homem de toga deitado sobre uma espécie de banco, e uma mulher, também de toga, que dava uvas a ele, colocando-as sensualmente em sua boca. Olharam des preocupados para Perseu e voltaram a dar e comer uvas. Perseu seguiu seu caminho, sem saber para onde caminhava.

Sem ter que andar muito, chegou a uma mesa de pedra. Deitada sobre ela havia uma jovem mulher e ao lado, em pé, outro homem de toga. Perseu

percebeu, sem compreender, que a mulher deitada sobre a mesa era a mesma que vira ao por sua mão no vaso.

O homem ergueu um punhal acima da mulher. Perseu compreendeu que seria sacrificada. Desesperado, soltou um grito, na tentativa de impedir tal ato. O homem virou-se para Perseu vagarosamente, baixando o punhal sem tocar na mulher. Sua face tinha uma expressão séria, repreensiva. Virou-se e saiu. Perseu não compreendeu tal atitude.

A bela mulher apenas viu seu carrasco partir. Depois levantou-se, ficando sentada sobre a mesa, olhando delicadamente para Perseu. Ele estava pasmado e ao mesmo tempo encantado com sua beleza. Estendeu-lhe a mão. Ela desceu da mesa e ficou diante dele. Segurou sua mão. Perseu levantou a outra e tocou-lhe o rosto.

Contemplava sua beleza quando percebeu que alguém se aproximava por onde o carrasco se afastara. Era o próprio, acompanhado pelo que Perseu supôs ser um guerreiro. Carregava um escudo em um braço e uma espada no outro. O carrasco apontou para os dois e o guerreiro avançou. Perseu puxou a mulher e começaram a fugir. Procurava pela porta. Não tardou para que passassem pelo casal das uvas. O guerreiro continuava atrás deles. Chegaram à porta e atravessaram-na. Estavam eles diante daquele templo ou fosse lá o que fosse. Perseu trancou a porta afobado. Virou-se então para contemplar a mulher e retomar o fôlego.

Notou que sua imagem se desfazia e ela pouco a pouco desaparecia. Tentou se aproximar para tocá-la novamente, mas quando chegou perto já tinha desaparecido completamente.

Tristemente olhou para o vaso. Foi até ele, ajoelhou-se e depositou a chave em seu interior. Levantou-se sem saber para onde ir quando notou que estava de volta à sua varanda. Olhou para o vaso. Não estava mais lá.

Sem saber o que pensar, voltou aos livros e em um deles encontrou a bela mulher numa pintura clássica. Continuou sem saber o que pensar.

Santa Rita do Passa Quatro, fevereiro de 1989

CONGELADO

Fazia já algum tempo que ninguém ia àquela fazenda. Para Norton e Fred era apenas um meio de se fugir do tédio que a cidade vinha se tornando para eles. É claro que, para eles, seria mais entediante ainda um fim de semana no campo, mas quando voltassem para casa ficariam tão aliviados que esqueceriam do tédio.

A fazenda era do pai de Norton. Não estava produzindo nada; só era usada nos fins de semana em que queriam fugir da civilização, mas isso raramente acontecia, e a fazenda ficava sozinha. Norton e Fred iam quebrar essa solidão, ou melhor, juntar-se a ela. Jim chegaria no dia seguinte, e então não seriam mais dois solitários, e sim três.

A casa tinha de tudo, desde televisão até piscina, só que ela estava tão suja que não podia ser usada. Tinha uma geladeira também.

Chegaram às cinco da tarde de uma sexta-feira, com milhões de coisas de bagagem, algumas úteis, outras inúteis. Descarregaram a camionete na varanda e o pai de Norton partiu, sem ao menos olhar a casa. Estava com pressa. Estranho seria se não estivesse. Foi por isso que descarregaram tudo na varanda, ao invés de levarem tudo direto para dentro. Perderam bastante tempo no traslado das coisas da varanda para dentro.

Pode-se pensar que estavam bastante dispostos a trabalhar, mas metade das coisas que levaram seria deixada para trás. Apenas o básico voltaria, ou seja, o supérfluo.

Na cozinha começaram a tirar as coisas dos pacotes. Havia algo que precisava ser posto na geladeira, e havia uma geladeira, e ela estava ligada. Sabiam que se ficasse desligada por muito tempo, não funcionaria, ou funcionaria muito mal, até que o gás fosse trocado. Mas ela estava ligada. Fred ia abrí-la quando viu uma chave sobre ela. Era da porta da frente. Norton achou estranho, pois sabia que só havia uma cópia da chave, a que estava com ele. Puseram-na de volta sobre a geladeira. Fred abriu a porta e ficou estático, empalideceu. Norton notou sua expressão e perguntou o que havia acontecido. Não houve resposta. Reparou então nos olhos de Fred olhando fixamente para dentro da geladeira e desviou seu olhar para lá. Também ficou estático e empalideceu. Que corpo seria aquele dentro da geladeira? Fred olhou para Norton e Norton para Fred. Por instantes não disseram nada. O que fariam? Poderiam ser acusados de assassinato!

Depois de se acalmarem, resolveram ligar para o pai de Norton, mas quando tiraram o telefone do ganho, perceberam que estava mudo. Ponderaram e resolveram enterrar o morto. Foi o que fizeram. Levaram o

corpo, nu como haviam-no encontrado, para fora e cavaram uma cova; bem rasa na verdade, não tinham experiência em escavações.

Voltaram para a casa apavorados. Não sabiam se arrependiam-se do que tinham feito ou o quê. Queriam voltar para a cidade, mas não havia como. Começava a anoitecer, e quanto mais pensavam, mais escurecia. Por que o pai de Norton não emprestara o carro justo naquele fim de semana? Entraram na casa, mas evitaram a cozinha. E o pior é que começavam a sentir fome. Fred teve a genial idéia de empacotar as suas coisas, e quando Jim chegasse no dia seguinte, pegariam carona para a cidade imediatamente, com quem quer que fosse que o trouxesse. Foi para o quarto. Norton continuou na sala. Sentia-se péssimo. Tentava pensar em outra coisa, mas sua mente dava voltas e sempre voltava a pensar no corpo que tinham enterrado. Tinha sentimentos asfixiantes que variavam de medo a remorso, apesar de saber que não era o assassino. De repente, um pensamento terrível passou por sua mente: e se ele não estivesse morto? Neste caso sim, eles seriam os assassinos. Teriam-no enterrado vivo! Tentou afastar esses pensamentos; no dia seguinte voltariam e conversariam com seu pai. Iriam até a polícia e diriam que lhes ocorreu de enterrá-lo simplesmente porque era um defunto. Claro que iriam entender. Mas e se a autópsia desse que a morte tinha sido causada por asfixia? Então eles poderiam ser os assassinos. E se não dissessem nada? Bem, nesse caso poderiam achar o corpo e tudo se tornaria mais complicado; não o tinham enterrado tão fundo. O melhor mesmo seria procurar a polícia.

Tinha chegado a essa conclusão quando Fred entrou na sala. Trazia algumas roupas em suas mãos, mas definitivamente não eram deles. Chegaram a conclusão de que pertenciam ao morto. Não conseguiam entender mais nada.

A preocupação deles quanto a isso terminou quando ouviram um barulho vindo da cozinha. Ficaram quietos, apreensivos, esperando atentamente por um som que esperavam que não se repetisse. Mas se repetiu. Definitivamente havia alguém ali. A apreensão tornou-se pavor. Esperaram quietos. A maçaneta da porta da cozinha girou lentamente. Depois a porta começou a se abrir. Correram para a porta da frente para fugir. Afobaram-se e não conseguiram abrí-la. Foi quando ouviram uma voz familiar, dizendo algo que o pavor não deixava distinguir. Tinha um tom irônico. Norton e Fred viraram-se e viram Jim rindo do susto que lhes dera. Chegou quando estavam fora, enterrando o corpo, e foi até a cozinha comer algo. Tinha enforcado aula, chegado um dia antes e feito com que Norton e

Fred perdessem a carona do dia seguinte. Reconstituíram-se do susto e explicaram a Jim o que estava acontecendo.

Enquanto isso, o calor do solo fazia com que o corpo enterrado saísse de seu estado de hibernação. Começou a se desenterrar, a terra ainda fofa. Suas mãos e braços se libertaram e empurraram o resto do corpo para fora da cova. Estava nu e todo sujo, ainda confuso, como quem acorda de um sono profundo em um lugar estranho. Precisava ir a algum lugar. Resolveu ir à casa da fazenda do pai de Norton, onde estava. Era o lugar mais próximo. Não sabia o que tinha acontecido, mas tinha suas suposições. Uma delas era a verdadeira. Sabia que poderia encontrar problemas ao voltar àquela casa, mas decidiu que era sua melhor escolha.

Jim não estava apavorado, portanto pensava melhor do que os outros dois. Sugeriu que partissem no dia seguinte, a pé mesmo, e pegassem carona na estrada. Na cidade, contariam tudo ao pai de Norton, e ao seu, que era advogado, e iriam à polícia. Tudo resolvido. Jim acompanhou Norton e Fred até a cozinha e ficou com eles enquanto comiam. Foi quando bateram na porta da frente. Os três ficaram apreensivos, um esperando que o outro se levantasse para atender. Quando Jim finalmente se decidiu, Norton e Fred o impediram. Temiam quem quer que fosse, e era justamente quem mais temiam. O defunto, que aliás estava vivo, bateu novamente. Nenhum dos três se mexeu. Esperavam que o estranho fosse embora. Não sabiam que era aquele que tinham enterrado, e muito menos esperavam que estivesse vivo.

Finalmente ele parou de bater, mas fez algo pior, justamente quando começavam a respirar mais aliviados: ele olhou pela janela da cozinha. Jim foi o primeiro a ver, e assustado, mas contido, fez com que os outros dois também olhassem. Seu rosto estava apenas sujo de terra, mas o pavor fez com que Norton e Fred vissem-no em estado de avançada putrefação. Esperavam tudo, menos que estivesse vivo, e interpretaram sua volta como vingança. Quando ele descolou a cara do vidro e caminhou para a porta da cozinha, Jim lembrou-se de que a tinha deixado aberta, e como não havia tempo para fechá-la, levantou-se apavorado para fugir, chamando os dois amigos. O suposto defunto entrou, enquanto os três saíam apavorados pela porta que dava para a sala. Ele estava disposto a se explicar, mas percebeu que isso seria impossível.

Enquanto o corpo estava fora da casa, queriam estar dentro, mas agora que o corpo estava dentro, queriam estar fora. Atravessaram a sala e saíram o mais rápido possível.

Depois de algum tempo de correria, Jim olhou para trás. Lá estava o corpo, em pé na varanda. Ouviam os sons horríveis que ele proferia. Na

verdade, apenas gritava para que não tivessem medo. Mas eles ouviam sons animalescos. Aumentaram o ritmo.

Finalmente o morto-vivo, bem mais vivo do que morto, desistiu de chamá-los. Entrou, trancou as portas e deixou as chaves na cozinha. Tomou um um banho. Pos suas roupas de volta onde Fred as tinha encontrado. Comeu alguma coisa, e voltou à geladeira.

São Paulo, abril de 1989

CONTATO

Murdock chega ao ponto de encontro com cinco minutos de antecedência, como sempre. A noite está escura. Chega vagarosamente, fazendo suspense para uma platéia inexistente. Controla seus passos e pára. Na penumbra, dá uma tragada em seu cigarro. Joga-o no chão e pisa para apagá-lo. Está usando seu tradicional sobretudo, as golas levantadas contra o frio, e seu tradicional chapéu. Sob seu braço, um jornal. Está prestes a receber um microfilme de seu contato, que deve encontrá-lo ali dentro de alguns minutos.

Encosta no muro e abre o jornal. Sua intenção é mais de disfarce do que de leitura, mas o texto também serve para passar o tempo. Ele sabe que seu contato pode chegar na hora marcada, como também pode atrasar alguns minutos, talvez mais. Apesar dos horários, muitas vezes os agentes não os respeitam. Sempre surgem imprevistos.

Durante alguns minutos, Murdock fica com sua atenção concentrada na leitura. Depois de um minuto do horário marcado, percebe alguém se aproximando, provavelmente seu contato. Mira o relógio, e deixa que se aproxime. São dois homens. Passam por ele e sentam-se em um banco próximo. Definitivamente não é seu contato. Na verdade, parecem agentes do serviço contra-espionagem. “Maldição!”, pensa. “Descobriram nossa entrega de novo! Se não descobrirmos logo quem é o maldito informante, nossa rede inteira vai acabar ruindo.” Não tem escolha porém. Não compensa ir ao ponto de encontro de emergência nesse caso, pois já foi visto e com certeza seria seguido, a menos que não sejam espíões realmente. Se não forem, não haverá problema em ficar ali. Mas Murdock está convencido de que são. Têm todos os traços. Olha-os discretamente por sobre o jornal, e os vê conversando. Parecem não dar importância a sua presença, mas ele sabe que é apenas fingimento.

O tempo vai passando e Murdock vai ficando nervoso com a espera. Se ao menos aqueles dois inoportunos fossem embora, então ele poderia esperar horas sossegado. Agora ele tem certeza de que são contra-espíões. O correto mesmo seria ir ao ponto de encontro secundário. Se fosse seguido, iria embora, cancelando a entrega. Seria mais seguro. Mas resolve ignorar as regras. Tem um forte pressentimento de que deve ficar onde está e aguardar. No fundo, porém, sabe o que vai acontecer: seu contato vai chegar e não vai completar a entrega, como da última vez; novo encontro será marcado e mais a missão se atrasará. E quem garante que da próxima vez a contra-

espionagem não vai ser tão eficiente como vem sendo? Ainda não sabem quem é o informante. Não têm nem uma pista.

Se ao menos o contato tivesse chegado no horário... Os contra-espiões se atrasaram. Teria dado tempo de completarem a entrega. “Maldito contato! Não sabe para que servem os horários?”, pensa ele.

O relógio marca quarenta minutos de atraso quando percebe novamente que alguém se aproxima. “Deve ser ele.”, pensa. Deixa que se aproxime, veja os dois agentes e se afaste. De repente Murdock teme pelo que pode acontecer. Arrepende-se de ter quebrado as regras. “Foi muita burrice!” Lembra-se do que aconteceu a Kiefer, numa situação similar. O pressentimento para ficar havia sido tão forte... Mas agora já se dissipara, e só resta a razão, e ela lhe diz que o que ele fizera havia sido uma grande estupidez.

O contato se aproxima, mas não se afasta, como Murdock esperava que fizesse. Pára próximo a ele para dar continuidade a entrega. Murdock fica tenso, mas tenta agir normalmente. Sabe que os agentes os observam. Volta-se para seu contato. É uma mulher. “Devia ter desconfiado. Primeiro, quarenta minutos de atraso. Depois, não percebe os agentes e continua com a entrega.”

Ela aproxima-se ainda mais dele, com um sorriso amigável no rosto. Toca-lhe a face e aproxima-se para beijá-lo. Beijam-se. Murdock fica impressionado.

Depois de beijarem-se por algum tempo, trocam algumas palavras desconexas, sem relação com a missão, como se fossem realmente conhecidos. Ela discretamente retira um pequeno cartucho do seu bolso e o coloca no bolso do sobretudo dele.

Ele sabe que estão sendo observados.

Os contra-espiões aproximam-se, armados de pistolas. Murdock e sua contato permanecem parados. Ele sabe que além do microfilme, vão querer levar os dois para arrancar-lhes informações sobre sua rede. Terá sorte se, como Kiefer, conseguir se suicidar antes de começar a ser torturado.

Um dos agentes enfia a mão no bolso do sobretudo de Murdock, e tira-lhe o pequeno cartucho que sua contato ali colocara momentos antes. Guarda-o em seu próprio bolso.

De repente, ouvem um tiro. Um dos contra-espiões sucumbe. O outro joga-se no chão para se defender. O atirador oculto continua com os disparos, dando cobertura para que Murdock e sua contato, na confusão, consigam fugir.

Ele entra no metrô cansado, mas aliviado. Falta um pouco ainda para que a missão esteja completa. Essa etapa, no entanto, finalmente foi cumprida. Murdock está impressionado com o curso que as coisas tomaram. De dentro da boca, tira um pequeno cartucho, semelhante àquele que os contra-espiões confiscaram. Olha para ele satisfeito.

“Acho que nunca um beijo foi tão útil!”, pensa ele guardando o cartucho no bolso. “O contato está feito.”

Santa Rita do Passa Quatro, 8 de junho de 1989

(reescrito a 18 de dezembro de 1995)

VLAD

O fogo ardia no centro da roda de amigos. Além de aliviar um pouco a intensa escuridão daquela noite sem lua, servia também para amenizar o frio cortante de inverno. Os assuntos banais que estavam sendo tratados desligaram Otto da conversa, que agora permanecia absorto em seus pensamentos, enquanto fitava profundamente as chamas a sua frente. Que belo era o fogo! Enquanto destruía uma porção de matéria, alimentava suas vidas, cedendo-lhes calor. Por instantes, havia desvendado o mistério da vida – a força vital latente no Universo não era perdida com a morte de um ser vivo, mas simplesmente transferida a outro por um maravilhoso, porém natural, processo. Existiriam, no entanto, outros meios não executados pela natureza, para se retirar essa força vital de um animal ou vegetal e passá-la a outro? O fogo, por exemplo, retirava energia da madeira – que outrora fora viva – e transferia essa, por assim dizer, força vital para os humanos ao seu redor. O simples ato de se alimentar era um processo de absorver força vital de um ser já morto. O Homem criara tanto, transformara tanto a natureza a seu favor; não poderia ele criar novos processos? Otto já tinha lido sobre vampirismo, e agora começava a associar as duas idéias. Existira, na Idade Média, nobres que banhavam-se em sangue humano – e muitas vezes bebiam-no – com o intuito de se revitalizarem. Preferiam o sangue de jovens – e de jovens virgens acima de tudo – por terem mais energia de revitalização. Parecia-lhe claro agora que a prática desse vampirismo medieval nada mais era do que um processo artificial de transferência de força vital.

"Você está certo no que está pensando, Otto!", ouviu Vladimir dizer-lhe, e percebeu que saía de uma espécie de transe. Esquecera-se completamente de que tinha companhia, e perdera-se completamente da conversa, pois sua concentração nos pensamentos o impedira de ouvir. Fitando o fogo, chegou à conclusão de que ele o havia hipnotizado. Que método excelente de filosofia!

"O que foi que me disse, Vladimir?", perguntou Otto.

"Eu!? Não falei nada."

Talvez não tivesse dito mesmo, Otto estava acordando de seus pensamentos para as outras pessoas e não tinha muita certeza do que tinha acontecido ao seu redor. Melhor não discutir. Lembrou-se de suas necessidades fisiológicas e levantou-se para urinar, deixando seus amigos e amigas conversando e bebendo vinho.

Inconscientemente, Otto afastou-se um pouco mais do grupo do que o necessário, perdendo-os de vista devido à vegetação. Quando olhou ao redor para voltar à fogueira, notou que havia se formado rapidamente uma espessa cortina de neblina. Tinha certeza, porém, de que conhecia o caminho, e pôs-se a andar. Não tardou para perceber que estava perdido. Mas não podia estar muito longe. Gritou pelo grupo, mas não obteve resposta. Continuou, então, a andar.

Aos poucos, a neblina foi tornando-se menos intensa, e Otto pôde observar melhor ao redor, apesar da escuridão noturna. Foi quando viu um vulto a sua frente. Aproximou-se. Era definitivamente uma pessoa. Um súbito medo apoderou-se dele então. Receou avançar, mas suas pernas continuaram mesmo assim. Sentiu um estranho pressentimento de perigo, mas não pensou em parar. Talvez estivesse mais curioso do que amedrontado. Na verdade, pensava bem pouco, apenas conjecturava quem seria aquela pessoa. Estranhamente não pensou em nada para dizer, nem em dizer algo. O vulto começou a se definir. Era um homem preso por cordas entre duas árvores. Seus braços estavam abertos. Parecia que o corpo todo estava sustentado pelas cordas amarradas em seus pulsos. Suas pernas estavam ligeiramente flexionadas, com seus pés tocando o chão. Se não estivesse morto, estava num estado que beirava a morte. Otto aproximou-se mais um pouco, e encheu-se de um sentimento misto de surpresa, medo e incompreensão. O preso levantou tristemente o olhar para Otto. Era ele próprio, uma réplica de si. Ele via a si próprio, mas não compreendia como. Só pensou em se afastar, e foi o que fez.

Enquanto procurava a fogueira onde estavam seus amigos, entrou em um novo nevoeiro e foi cair numa trilha. Ao segui-la deu com uma muralha, e uma porta de ferro nela. Não foi difícil abri-la. A sua frente estava um corredor do que parecia ser um construção medieval. Havia alguns castiçais com velas acesas presos nas paredes, que forneciam uma certa iluminação. Otto ficou muito curioso, pois nunca ouvira falar de nenhuma construção desse tipo na redondeza. Resolveu entrar para ver aonde aquilo ia dar. À alguns passos de onde estava, o corredor fazia uma curva à direita, de onde vinha uma luz mais intensa. Otto seguiu em frente e fez a curva. A sua frente, uma escada dando para cima, e era de lá que vinha a luz. Seguiu em frente, subindo a escada. Otto pouco pensava no que poderia acontecer, apenas ia em frente, guiado pela curiosidade. Não que fosse uma pessoa corajosa, de espírito aventureiro, pois não era; apenas agia dessa forma na ocasião, como que instintivamente. Ao chegar ao topo da escada, estava em um salão intensamente iluminado por velas. Tudo parecia muito antigo. Nas

paredes havia quadros de pessoas, que traziam no semblante um ar aristocrático. No chão, um enorme tapete conduzia a uma espécie de altar. Ali, via-se uma poltrona e acima dela um brasão. Na poltrona – que no caso mais parecia um trono – estava sentado um homem. Apesar de os objetos serem antigos, todos pareciam novos, como se Otto tivesse voltado no tempo. E parecia que o homem o esperava. Otto aproximou-se para poder observá-lo melhor. Ao ver seu rosto, recuou assustado. Aquele homem era um sócia de seu amigo Vladimir. Era como se ele estivesse assistindo de perto a um sonho seu, em que seus amigos e conhecidos, e ele próprio assumem papéis diversos. Ficaram alguns instantes travando uma espécie de duelo de olhares, até que o homem em seu trono desviou o olhar de Otto, fazendo um sinal com as mãos para alguém atrás dele. E foi nesse ponto, antes mesmo que Otto pudesse virar-se para olhar, que dois homens encapuzados chegaram por trás dele, e torcendo seus braços para trás, algemaram-no.

"Meu nome é Vlad.", disse finalmente o homem que estava sentado. "E apesar da invasão, seja bem-vindo ao meu castelo." Deu então um novo sinal, desta vez com a cabeça, e Otto foi levado.

Saíram por uma das portas do salão, e a série de corredores, salas e escadas pelas quais passaram causaram grande impacto sobre Otto. Realmente estava em um castelo. Não conseguia compreender mais nada. Não estava sonhando, e isso era certo. Mas como poderia ter visto duas pessoas conhecidas – uma delas sendo ele próprio – desempenhando papéis que sabia não lhes pertencerem? E de onde surgira aquele castelo? Não tinha ido tão longe assim, perdido no nevoeiro. Não tinha bons pressentimentos sobre isso. Sentia que algo terrível estava por acontecer. Devia haver um significado para tudo aquilo. Seria uma brincadeira de seus amigos? Não, onde teriam arranjado o castelo, e como vira a si próprio preso entre duas árvores? Talvez tivesse sido sugestionado enquanto olhava o fogo; a hipnose podia ser bem poderosa sob certas condições. Nesse caso, tudo era falso: o castelo, as pessoas que havia visto, o nevoeiro. Mas se tivesse sido realmente hipnotizado, não teria chegado a pensar que tudo não passava de uma simples sugestão. Ou teria?

Chegaram a um grande salão pouco iluminado. O ar dali estava carregado. Havia um forte cheiro de sangue coagulado e carne podre, que transmitiram-lhe uma terrível atmosfera. Era cheiro de morte. Aos poucos, seus olhos foram acostumando-se com a penumbra do local. Existiam vários aparelhos espalhados pelo cômodo. O pavor tomou conta de Otto: estava no calabouço do castelo, e aqueles aparelhos eram máquinas de tortura! Seus

maus pressentimentos estavam para se concretizar. Numa tentativa desesperada, Otto forçou sua libertação, mas não teve sucesso. Não era fácil lutar com os braços algemados nas costas, e contra duas pessoas tão fortes quanto ele. Mas conseguiu empurrar um deles com a perna. Foi aí que Otto teve uma nova revelação. Com o empurrão, o torturador foi dar de costas com a parede, e seu capuz enroscou em um castiçal sem velas. Desequilibrado então, caiu no chão com a cabeça descoberta. Ele era outro sócia, desta vez de Adolf, outro de seus amigos da fogueira. Na sua surpresa, Otto foi facilmente dominado.

"O que vocês querem, afinal?", berrou ele com raiva. "E você, quem é? Josef? Isaac?" Não houve resposta para nenhuma pergunta. Apenas agarraram-no com mais força e conduziram-no a uma parede, onde foi acorrentado. Depois disso, os dois se retiraram sem dizer coisa alguma.

Otto ficou olhando ao seu redor. Alguns dos aparelhos já tinha visto em livros ou filmes. Outros eram completamente novos para ele. Tinha pavor só em pensar para que serviam. Foi então que ouviu um gemido vindo de um canto próximo a ele. Desviou o olhar para lá e viu horrorizado um homem fincado em uma estaca vertical. Ao lado dela encontravam-se mais algumas. Otto apavorou-se ao pensar que aquele talvez também fosse o seu destino. O pobre coitado estava em estado terminal. Um pouco de sangue ainda escorria dele, e era coletado por uma bacia aos pés da estaca. Que morte lenta e dolorosa! Sentiu imensa pena dele e temeu que aquilo pudesse acontecer com ele.

Cada minuto de espera agora era agonizante. Ouvia ruídos imaginários de alguém se aproximando e enchia-se de pavor com isso. Cada gemido dado pelo pobre empalado vinha em cheio ao seu peito como uma afiada estaca. O tempo passava bem devagar, parecendo uma eternidade. Fazia poucos minutos que estava preso na parede, mas para ele horas haviam se passado. Imagens confusas de pensamentos tenebrosos povoavam sua mente. Aquela espera tinha se tornado uma tortura por si só.

Passos vieram em direção ao calabouço e um frio de antecipação percorreu a espinha de Otto. Um dos encapuzados entrou trazendo uma bandeja com alguma comida e deixou-a sobre uma mesa próxima às estacas. Devia ser para os dois condenados. Otto sentiu-se enjoado. Não conseguiria comer naquele lugar horrível cheirando a morte. O servo ficou ao lado da mesa, como se esperasse seu amo. Vlad entrou logo em seguida, caminhando como um nobre. Tinha um ar aristocrático, o que transmitia muita dignidade. Sua aparência não combinava de forma alguma com o crápula desumano que era. Vinha trajado com a mesma roupa preta

semelhante a uma batina com a qual Otto o vira antes. Ao redor do pescoço trazia uma grossa corrente prateada. O corte de cabelo não era o mesmo de Vladimir – era muito antiquado –, mas o rosto definitivamente era. Apesar disso, era difícil associar as duas pessoas. Era como se Vladimir fosse um ator desempenhando muitíssimo bem seu papel – sua personalidade sendo integralmente substituída pela do personagem, apenas o corpo mantinha-se o mesmo. Vlad sentou-se a mesa e começou a comer. Otto ficou enojado: aquele tirano vinha jantar entre suas vítimas! Como podia alguém ser tão desumano?

"Sirva-me o vinho da vida.", ordenou Vlad a seu servo, entregando-lhe uma taça de prata. Este tomou-a, e encheu-a com o sangue que escorria do empalado para a bacia. Então Vlad praticava o vampirismo. Estaria ele buscando vida eterna com isso? Talvez tivesse conseguido. Quantos anos teria ele afinal? Apesar da curiosidade, Otto não se atreveu a perguntar nada. Apenas observou, cheio de asco, Vlad comendo. Seu ódio por ele aumentava cada vez mais.

Vinho da vida – dissera Vlad. Isso entrava em acordo com o que estivera pensando na fogueira sobre a força vital. Não havia sido Vladimir que dissera que ele estava certo em seus pensamentos, e depois negou que tivesse dito? E os dois nomes eram praticamente um só. Teria seu "amigo" Vladimir decidido demonstrar na prática aquilo que Otto teorizara? Mas como? Quem era Vladimir afinal? Que mistérios não tinham as pessoas que julgávamos conhecer!

Sem forças, Otto acabou adormecendo enquanto estava absorto nesses pensamentos. A próxima vez que recobrou consciência foi suficiente apenas para levantar o olhar para frente e ver a si próprio na floresta, assustado, observando-se. Viu-se afastar. Estava assistindo ao passado – foi seu último pensamento, antes de deixar a cabeça cair novamente e morrer, preso entre duas árvores.

*Março de 1991
a partir de idéias e esboços de
Guilherme de Rossi e
Pedro Luís Bello Daldegan
de 5 de julho de 1989*

CONSCIENTE

Max estava sendo procurado pela polícia por crimes diversos, incluindo assassinato. E agora, estava sendo perseguido por seus próprios companheiros que, mais do que simplesmente recuperar o dinheiro deles roubado, queriam se vingar.

Já havia alcançado a estrada e corria ao longo dela, ocasionalmente diminuindo o ritmo para pedir carona a algum carro que passasse. Mas nenhum parava, o que era compreensível. Seus ex-comparsas vinham logo atrás, cada vez aproximando-se mais. Foi quando Max ouviu um estouro surdo. “Um tiro”, pensou ele no curto intervalo de tempo entre o ruído e a picada nas costas. Sentiu as pernas bambearem e o corpo cair no chão. De princípio ficou meio confuso – tudo aconteceu muito rápido –, e aos poucos recomeçou a pensar. Ouvia claramente, mas nada podia enxergar, nem sentia dor alguma tampouco. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu, por mais que tentasse. Aliás, não sentia parte alguma de seu corpo.

–Ele está morto?

–Está. Vamos pegar a grana e cair fora.

Max tentou se mexer, provar que ainda vivia. Nem pensou que os outros, na verdade, queriam-no morto. Apenas tentou provar que vivia. Inconscientemente, queria provar isso para si mesmo e não para os outros. A simples menção de que estava morto encheu-lhe de pavor. Tentou se mexer com todas as suas forças, mas nenhum músculo respondeu a suas tentativas. Ouviu apenas os outros pegando o dinheiro – e não conseguia sentir se tiravam-no de suas mãos ou não – e irem embora. Sentiu-se então a pessoa mais solitária do mundo. Não tinha certeza se tinha sua própria companhia, pois nem seu corpo sentia. O que mais desejava é que aparecesse alguém para lhe socorrer. Ouviu, então, um carro se aproximando, uma freada e pessoas descendo e vindo até ele.

–Está morto, doutor?

–Sim, morreu há pouco tempo.

O médico devia estar enganado, pensava Max. Ele ainda ouvia, e raciocinava. Quem foi que disse “Penso, logo existo”? Ou estava o médico certo: ele estava realmente morto, apenas continuava a pensar?

–Vamos chamar a polícia, Dr.Hansen?

–Não se precipite, Rodin. Não está reconhecendo esse rosto?

–Francamente, não.

–Apareceu no noticiário há alguns dias... é um assassino, e está sendo

procurado. Não creio que ninguém vá reclamar pelo corpo, que por outro lado pode nos ser muito útil.

–O senhor não está pensando em levado para o laboratório, está?

–Pense na oportunidade única que isso representa para os nossos experimentos, Rodin. O *rigor mortis* ainda não começou a se instalar.

A idéia de ser usado como cobaia de laboratório desagradou Max imediatamente, mas aí lembrou-se que se assim não fosse, seria enterrado, e consciente. Esse pensamento encheu-lhe novamente de pavor. Uma veio-lhe a mente, a idéia de que talvez no laboratório o médico descobrisse que ainda pensava, e talvez pudesse salvá-lo. Isso aliviou um pouco seus tormentos. Mas algo terrível aconteceu enquanto estava sendo levado para o carro, ele começava a perder a audição. Estava perdendo seu último contato com o mundo externo. Era apenas mente agora.

Com todos os sentidos ausentes, Max se pôs a pensar. Imaginava por quanto tempo teria consciência ainda, antes que seu corpo – o que incluía seu cérebro – começasse a apodrecer. E como será que isso aconteceria? Perderia suas faculdades de uma só vez, ou lentamente? Talvez ficasse primeiramente insano. Teria alucinações? Dormiria ainda e teria sonhos? Como poderia dormir se já estava morto? Mas sonhos poderia ter, pois se estava consciente, poderia ficar inconsciente; ouvira dizer que esse era o estado de descanso para a mente. Talvez dormisse, sonhasse e não acordasse mais. O que significa a morte afinal? Ele estava morto, mas era quase como se não estivesse. Seria ela a mesma para todos? Talvez alguns morressem completamente, com a consciência cessando junto com o metabolismo. Para outros, talvez, a consciência abandonasse o corpo em forma de alma. Será que ele havia sido condenado a viver eternamente em trevas? Trevas... que outra palavra exprimiria melhor sua situação? Estava solitário, o mais completamente só que se pode ficar, perdido no tempo e no espaço; e a escuridão e silêncio absolutos só eram amenizados por ocasionais lembranças da vida. A morte não havia lhe privado delas. Mas causavam-lhe dor, alimentavam sua angústia, seu sofrimento. Preferia a escuridão e o silêncio completos à memória da vida que agora não mais lhe pertencia. Seu desejo era que seu corpo apodrecesse, e sua mente junto com ele.

Começou a pensar no médico então. Seu corpo deveria estar sendo levado por ele. Já teriam chegado? Não tinha mais domínio do tempo. Sua intuição dava alguns minutos desde o momento em que perdeu a audição; mas quem era ele para dizer com certeza que horas não haviam se passado desde então? Onde estava ele? E quando? De repente, desejava

ardentemente essas respostas. Tentou parar de pensar no assunto. Outras perguntas vieram-lhe a mente. Quais seriam os experimentos aos quais seria submetido? Talvez esquartejassem-no todo. Foi, então, que visões de órgãos dilacerados e membros amputados começaram a bombardear-lhe. Sua mente foi invadida por um sem-fim de cenas de terror. Sons disformes e sobrenaturais davam uma atmosfera insólita às imagens. Gritos, sussuros, lamentos... amontoados como vozes distantes. Era muito mais terrível do que qualquer pesadelo. Uma imagem formou-se: a imagem de um homem, de rosto e expressão demoníacos, fitando Max profunda e diretamente nos olhos. “Agora é sua vez!”, ouviu Max claramente o homem dizer-lhe; e então acordou. Percebeu que estivera sonhando, o mais terrível e o mais real pesadelo que jamais tivera. Continuava sem ouvir nada, e antes de tentar, sem sucesso, abrir os olhos, teve a triste lembrança de que estava morto.

O pesadelo intrigava-o. Sem dúvida havia sido um sonho, mas real demais. Provavelmente a ausência dos sentidos ativara profundezas do cérebro que nunca explorara. Não em vida. Talvez tivesse a chance agora de buscar imagens, sons, sensações que estavam guardadas em alguma parte de sua memória e fazê-las reviver com a precisão do mundo real. Talvez até duvidasse que estava morto de vez em quando. De repente, esqueceu-se completamente do que estava pensando. Estaria ficando insano? Não conseguia mais raciocinar. Sua mente estava se desligando...

São Paulo, 1º. semestre de 1991

DELUSION

O sol já havia se levantado há algum tempo, mas quando Sasha abriu o zíper da barraca, pôde perceber o orvalho da noite ainda no chão. O cheiro matinal do campo. A estranha, a etérea atmosfera da manhã. O repentino algo de insólito no ar.

Sasha abriu os olhos e lembrou o que o sonho recente já lhe dissera: estava no campo. Aquela era a primeira manhã daquele acampamento e até dormindo estava se adaptando ao novo ambiente. Olhando para cima, vendo o nylon de sua tenda, sentiu um *dejà-vu*.

A preguiça tomava conta de si, mas de repente não queria mais ficar deitado. Levantou-se como pôde. Moritz ainda dormia. Abriu o zíper e deparou com o que esperava: o orvalho no chão, o cheiro de campo. Outro *dejà-vu*. Colocou seus tênis e pôs-se de pé. Que estranha atmosfera tinha aquela manhã!

Um observador inexistente, alguns passos dali, teria dito a mesma coisa, vendo Sasha como parte do ambiente, ajudando a compor o insólito quadro.

Por alguns instantes ficou a observar ao redor, sem contudo conseguir dispersar a impressão que tinha. A atmosfera etérea continuava ali. Resolveu dar uma volta.

Parou próximo a uma construção isolada, perdida no meio da vegetação campestre. E foi ao lado dela que Sasha achou um corpo. Sangue escorrendo pela boca. Pele pálida. Um cadáver.

Moritz estava sentado, amarrando seus tênis. Sasha não se deu tempo de dizer nada. Apenas puxou-o pelo braço, levando-o à construção.

O orvalho ainda não havia desaparecido. Nem o aroma matinal do campo tampouco. Mas nisso eles não reparavam no momento.

Sasha chegou ligeiramente na frente, sabendo que o outro vinha logo atrás. Mas o corpo não estava mais lá, e ao virar para trás viu que Moritz também não.

Seguiu seus passos de volta, olhando para os lados, até que ao passar sob uma árvore, deparou-se com dois pés bem a sua frente, na altura dos olhos. E eram os pés de Moritz, pois tinham seus tênis. Sasha levantou o olhar e viu apavorado que ele estava enforcado.

Ficou completamente confuso, sem saber o pensar ou o que sentir. Havia algo de errado. O que estava acontecendo? O ar... o ar estava diferente desde o momento em que acordara. Apesar do pavor, não conseguia se preocupar com Moritz e isso o apavorava ainda mais. Por

algum motivo sabia que ele estava bem; mas estava o vendo morto. Aquilo era de enlouquecer.

Resolveu procurar ajuda...

Próximo à barraca havia uma mesa que não estava ali antes. Alguém sentado atrás dela lia um jornal. Era um quadro mais surreal ainda. Sasha se aproximou, na esperança de aproximá-lo da realidade, apesar de saber já se tratar de algo real. A personagem misteriosa baixou o jornal para observar o recém-chegado.

E antes que Sasha pudesse se recompor do susto de ver o cadáver da construção, tão pálido quanto antes, atrás de um jornal observando-o com vivos olhos, alguém lhe tocou no ombro, pelas costas, chamando-o.

Era Moritz. E parecia muito bem.

De repente o cadáver não estava mais lá. Nem a mesa tampouco. Apenas a barraca. Sasha reparou que o orvalho e o aroma matinal haviam desaparecido, e haviam levado junto aquela estranha atmosfera.

Provavelmente não teria mais alucinações... ou pelo menos, não mais naquela manhã.

Escrito à 5 de agosto de 1991, São Paulo

Revisto à 6 de agosto de 1991

Baseado no filme homônimo de julho de 1988

URGH!

Sasha atirou seu skate no chão e posicionou seu pé sobre ele. Mirou longamente o pequeno half a sua frente, e em seguida deu um impulso com o outro pé, acelerando para frente.

O subiu o half. Pulou sobre ele e caiu inerte do outro lado, sozinho. Algo dera errado. Sasha também caiu, mas bem longe. Caiu de bruços sobre um mato que não deveria estar lá, pois não havia mato por perto.

Recompôs-se rapidamente do tombo e levantou-se. Inconscientemente limpou suas roupas com ligeiros movimentos das mãos, enquanto olhava ao redor para se localizar. Não estava onde estivera momentos antes. Havia apenas vegetação, nenhum sinal de civilização.

Sasha estava atônito. Não poderia ter voado tão longe de seu skate. Depois de algum tempo sem saber o que fazer, decidiu que não adiantava ficar ali parado, e resolveu andar para tentar descobrir onde é que estava.

Enquanto isso, próximo dali, um homem das cavernas fazia uma dança do fogo ao redor de uma fogueira extinta, numa tentativa infrutífera de reativá-la. Quando viu Sasha se aproximar, interrompeu seu ritual e escondeu-se atrás de alguns arbustos, na espreita. Quando o skatista já estava bem perto – o suficiente para representar uma ameaça –, o troglodita ergueu sua clava e saiu ferozmente de trás das plantas para atacá-lo. Sasha não teve escolha senão fugir rápida e cegamente, com o homem das cavernas atrás dele. Acabou caindo dentro de um buraco, e antes que pudesse se levantar, o troglodita pulou ao seu lado, e... violentamente, começou a chacoalhar-lhe o ombro!

Sasha abriu os olhos então. Estava ao lado do half. Dois de seus amigos skatistas estavam ali, falando algo; um deles tentava fazer com que recobrasse a consciência, chacoalhando-lhe o ombro. “Que tombo mais besta, pô!”

*Escrito à 8 de agosto de 1991, São Paulo
Baseado no filme homônimo de julho de 1988*

O REFLEXO

A noite estava clara - o céu límpido e estrelado. Boris olhou pela janela e viu o vasto parque diante de sua casa. Uma brisa suave de verão refrescou-lhe o rosto. Que bela noite para um passeio!

Não havia muitas pessoas andando por aquelas alamedas. O parque estava praticamente vazio - o que era difícil de entender naquele quente noite. Boris apenas caminhava, despreocupado, pensando em sutilezas.

Até que encontrou, em um banco do parque, um corpo aparentemente sem vida. E estava, por incrível que pareça, vestido exatamente da mesma forma que Boris. Aproximou-se. O rosto estava caído para o outro lado, e num impulso impensado, encostou sua mão e o virou. Era ele próprio!

Boris caminhava pelo parque despreocupado, pensando em sutilezas. Imaginava como era possível que houvesse tão poucas pessoas ali em tão bela e quente noite de verão.

Até que, olhando distraidamente para o chão, deparou-se com uma nota perdida de dez dólares. Fitou-a por alguns instantes, e por fim abaixou-se e a pegou.

Ali perto havia um banco. Retirando a carteira do bolso de trás da calça, sentou-se para guardar o seu achado e descansar um pouco.

Na espreita, alguém retirava uma corrente do bolso. Aproximou-se por trás do banco silenciosamente, e jogando a corrente ao redor do pescoço de Boris, enforcou-o. Pegou a carteira, e fugiu. O corpo ficou ali, inerte, com o rosto caído para o lado.

Boris olhava atônito para aquele corpo. Talvez estivesse ficando louco. Não podia estar vendo a si próprio.

Saiu dali rapidamente, sem olhar para trás. Precisava reconstituir-se. Voltou para casa e foi direto lavar o rosto, na expectativa de que isso fizesse com que recobrasse a sanidade. Antes que pudesse fazer isso, porém, ficou estático diante do espelho, à procura do seu próprio reflexo, que não estava ali.

Boris sabia agora quem era o morto do parque. Não haviam assassinado uma pessoa, mas metade dela - a metade que ficava do outro lado do espelho.

Escrito a 21 de agosto de 1991, São Paulo

Baseado no filme “The Reflex” de fevereiro de 1989

O FILHO DE SIRIUS

Acabo de acordar de um sonho repetido e perturbador, e creio ter chegado a uma conclusão quanto a sua natureza. Refere-se a uma singular experiência, que nesse caso garanto ser verdadeira. Agora eu acredito ter sido ela muito mais significativa do que a princípio pensei.

Tudo começou numa noite em que eu e meu amigo William estávamos acampando em sua fazenda. Fomos por minha insistência, pois aquele era o primeiro final de semana das férias, e havia muito o que se fazer na cidade. Sempre fui uma pessoa gregária, mas estranhamente queria me isolar por uns dias, e como eu e William sempre fazemos tudo juntos, ele me acompanhou. Na ocasião, interpretei essa minha indisposição para a sociedade como algo natural e passageiro, mas agora creio ter sido determinada por forças externas a mim.

Era nossa primeira noite, e tínhamos ido dormir tarde. Não sei porque, mas sempre que acampamos o sono demora a vir, e ainda assim, acordamos cedo no dia seguinte. Passamos grande parte da noite fora da barraca diante de uma fogueira preparada durante o dia, conversando sobre nossos amigos e nós mesmos. William parecia desejar muito estar na cidade ao invés de no campo, apesar de gostar também de apreciar as estrelas enquanto conversamos sobre pessoas e o relacionamento humano. Mas não expressou o que preferia estar fazendo. Nem precisava. Entendemo-nos tão bem que um olhar basta para saber o que o outro pensa. Quando o sono finalmente veio, apagamos a fogueira e entramos na barraca. Não demorou muito para que dormíssemos.

Era uma noite clara, bastante estrelada. Acordei com um clarão, como se a aurora tivesse chegado rápida, mas não tão intensamente. Não posso dizer com precisão, mas deve ter durado cerca de um minuto, então desfez-se. Poderia ter sido um raio, se não tivesse sido tão longo. Mesmo assim, não veio nenhum trovão. Havia apenas um leve zumbido, quase imperceptível, que desapareceu com a luminosidade.

Fiquei apreensivo. Na verdade, fiquei apavorado. Não temos mais medo de uma situação nitidamente perigosa do que do desconhecido. Temos medo da escuridão porque não sabemos o que pode surgir dela. Temos medo da morte porque não sabemos o que ela significa, e sua antecipação é em verdade mais tenebrosa do que ela própria. Aquele clarão era um mistério, e conduziu minha mente aos pensamentos mais assustadores. Se algum ser humano, mesmo um amigo meu tivesse chegado naquele momento, teria me feito desmaiar de pavor antes mesmo de poder se identificar. Olhei para o

relógio, ainda eram duas horas; tínhamos ido dormir a pouco e demoraria ainda para amanhecer. Resolvi tentar dormir; apesar de frágil, a barraca dava uma curiosa sensação de segurança.

Mas quando fechei os olhos, minha audição se aguçou e pude perceber ruídos estranhos, muito baixos, vindo de trás da barraca, mas não poderia dizer a que distância, nem mesmo se eram reais. Surgiu em mim, então, a nítida impressão de que havia algo ali. Isso foi suficiente para deixar-me mais perturbado. Levantei-me, ajoelhando-me sobre minhas cobertas, virado para trás, para onde vinham os estranhos sons. Acho que foi uma ação impensada, pois não sei onde teria encontrado coragem em minha racionalidade para fazer isso. Mas a partir daí, fiquei apenas intrigado; uma sensação de paz passou a tomar conta de mim, como se de repente eu soubesse que o que quer que estivesse lá fora não fosse perigoso. E eu realmente sabia que não era, embora não pudesse dizer como poderia estar tão certo. Era como se todo medo tivesse sido extirpado de mim; o que é estranho, pois via luzes e sombras se movendo contra o fundo da barraca, e agora tinha certeza quanto a existência dos sons. Eram reais, e muito estranhos. Alguns pareciam ser artificiais, embora diferentes do som de qualquer instrumento ou aparelho que conheço. A que distância estavam, não sei dizer. Foi então que resolvi sair para olhar. Pensei muitas vezes em porque nem lembrei de acordar William para me acompanhar. Hoje, por causa do sonho, acho que fui induzido a agir assim.

Abri a entrada da barraca e rapidamente calcei meus tênis. Estava extremamente curioso, e, embora sem medo, achei sensato manter distância e observar tudo agachado, sem chamar atenção. O que vi me deixou pasmado. Sempre ouvi relatos sobre discos voadores e seres extraterrenos, e apesar de não ser de todo cético em relação ao assunto, nunca esperei realmente ter uma experiência desse tipo. Mas ali estava. A uns cinquenta metros de mim, dois humanóides vestidos de branco utilizavam estranhos aparelhos, aparentemente fazendo análises do solo. Procurei ao redor deles, sem sucesso, por sua nave. Então, ergui os olhos e me deparei com um imponente objeto, a uns vinte metros do chão. Tinha forma de um disco de cerca de cem metros de diâmetro. Não sei dizer qual era sua altura, pois uma pequena porção dele estava sobre mim. Não havia luzes, motivo pelo qual não notei sua presença assim que sai da barraca. Fiquei a fitá-lo por alguns instantes, como se tentando convencer a mim mesmo de sua existência. Estava pasmado.

Baixei os olhos novamente, e um calafrio percorreu minha espinha. Os dois extraterrenos estavam agora a uns dez metros de mim apenas, e

fitavam-me. Devem ter estabelecido algum tipo de contato telepático comigo, pois novamente uma sensação de paz voltou a mim, dissipando o calafrio. Eu agora sabia que não eram perigosos, de alguma forma me haviam dito isso. Também pareceu que fiquei sabendo que estavam pesquisando nosso planeta. A partir daí minhas lembranças começam a se tornar confusas. Lembro-me vagamente que uma cortina de neblina se formou, e os dois humanóides perderam-se nela, voltando provavelmente para onde os vira primeiramente. Tenho a vaga lembrança, como um sonho, de ter ido atrás deles. Acho que me dominaram telepaticamente, induzindo-me a fazer o que queriam sem que lembrasse disso, como uma sugestão hipnótica.

O fato é que não me lembro do que aconteceu em seguida. Lembro-me apenas de ter saído da neblina e encontrado William olhando o disco que partia. Foi quando fiquei sabendo, estarecido, que já era a noite seguinte, e não consegui me recordar de nada desde a noite anterior em que entrei no nevoeiro até aquele momento. Foi William que me contou o que aconteceu.

Ele acordou com um clarão e um zumbido. Olhou para o lado e não me viu. Ficou apreensivo e com medo, como eu havia ficado quando notei o mesmo clarão. Demorou até que tivesse coragem para sair dali à minha procura, que não precisou ser muito intensa, pois eu estava mais ou menos onde os extraterrenos estiveram, a uns cinquenta metros da barraca. Olhava as estrelas. William me perguntou o que eu fazia ali e que clarão havia sido aquele. Contei-lhe o que havia acontecido, acrescentando que o disco tinha acabado de partir – produzindo o clarão que acordara William –, e eu ficara ali, observando-o partir até se transformar em apenas um ponto e sumir. A princípio, ele não acreditou muito, mas quando se lembrou do que o acordara, aceitou o fato de que algo realmente estava acontecendo, e não era algo muito normal.

Eram quatro e vinte então, e William me disse que fiquei muito intrigado quando soube do horário. Naquele dia, todas as minhas memórias estavam bem claras, e não me lembrava de nenhum intervalo de duas horas. Lembrava de ter entrado no nevoeiro, vê-lo se dissipar e assistido ao disco partir, até que William fosse ali me encontrar – memórias contínuas, sem lapsos. Mas eram quatro e vinte, e meu próprio relógio me afirmava isso. Aceitamos o fato, então, de que havia o consultado mal quando acordei; afinal, estava apavorado naquele instante.

Conversamos mais um pouco sobre o que eu tinha visto e fomos dormir. William não se conformava de eu não tê-lo acordado para verificarmos juntos os estranhos ruídos. Como disse, também não soube

antes porque agi dessa maneira. Hoje, acredito ter sido induzido pelos alienígenas, para que tudo saísse de acordo com seus planos.

Conforme narrou-me William, acordamos no dia seguinte e examinamos as marcas deixadas pelos humanóides na noite anterior. Isso deu maior veracidade a minha estória. De resto, nosso dia foi normal, sem muito o que fazer. William me consultou sobre a possibilidade de irmos para a cidade, mas quis ficar mais uma noite, na esperança de novo contato. Ele concordou comigo, pelo mesmo motivo provavelmente.

A noite veio e ficamos a conversar ao lado de uma nova fogueira. A maior parte do tempo falamos sobre a insólita visita da madrugada anterior. Olhamos as estrelas e conversamos sobre elas, dessa vez não tão poeticamente; agora as olhávamos como outros sóis que aqueciam outros mundos e, pelo que pudemos constatar, outras vidas. Falamos sobre a infinitude do vasto Universo e a finitude Humana, lançando mão de nossa vã, porém honesta, filosofia.

Estava tão frio quanto a noite anterior e o céu igualmente claro e estrelado. Nada de muito anormal tinha acontecido até então – segundo me contou William –, apenas uma atração especial que uma determinada estrela parecia exercer sobre mim. Constantemente tecia algum comentário sobre ela; fosse sobre seu brilho, posição no mapa celeste ou qualquer outra coisa. Mas não sabia explicar porque esse fascínio em particular. Nenhum de nós conhecia seu nome nem a que constelação pertencia. Como já disse, não me lembro disso, mas desde então tenho sido atraído por essa estrela de forma especial. Há algumas semanas atrás, um conhecido, cuja formação lhe permite conhecer melhor o firmamento do que eu, informou-me se tratar, na verdade, de uma estrela dupla chamada Sirius. Hoje, acredito saber de que modo estou ligado a ela.

Eram duas horas, e depois de realimentada várias vezes, a fogueira ainda ardia. Ambos estavam cansados quando um clarão conhecido iluminou ao nosso redor. Erguemos nossos olhos e vimos a já esperada nave. William deve ter ficado muito mais impressionado do que eu, pois ainda não a havia visto.

Ficamos algum tempo contemplando o aparelho, e novamente formou-se uma cortina de neblina. Parece que me afastei de William, sem que ele se desse conta disso. Só percebeu minha ausência quando o disco finalmente resolveu partir. Foi quando me aproximei dele, saindo da neblina. Ele continuou então a olhar para o céu.

A partir daí eu me recordo. É uma sensação estranha alguém lhe dizer que você fez coisas das quais não se lembra. É uma experiência insólita sair

das nuvens e descobrir que muita coisa se passou desde que você entrou ali, quando a impressão que se tem é de que nada mais do que minutos se passaram. Já ouvi pessoas que tiveram amnésia dizerem que tinham vagas lembranças do que tinham feito quando alguém lhes contava, como se fossem reminiscências de um sonho quase todo esquecido. Mas nem vagas lembranças eu tive. Um dia inteiro de minha vida tinha sido completamente apagado de minhas memórias.

É claro que a princípio não acreditei no que William me dizia sobre o tempo, achando que era uma grande piada dele, da qual eu era o protagonista; mas os calendários dos relógios desmentiam essa hipótese, e quando voltamos à cidade no dia seguinte, tive então certeza de que perdera realmente a memória – o tempo era realmente aquele que William me dizia ser, e não aquele que eu imaginava.

Isso foi há cerca de seis meses, e desde então tenho vivido normalmente, exceto pela atração que tenho pela estrela binária de Sirius e pelo intrigante sonho que se repete com frequência desde então.

Nele, estou de volta ao acampamento, diante de uma cortina de neblina, na qual eu entro, enquanto estou também saindo. É complicado e soa absurdo, mas parece que consigo enxergar de dois pontos de vista distintos, como se eu fosse duas pessoas simultaneamente. O que sai junta-se a William, e o outro entra na nave, que parte logo em seguida. Vejo, então, a nave se afastando ao mesmo tempo em que vejo o solo, eu e William ficando pra trás. Então, essas imagens se dissolvem, e eu acordo.

Agora esse sonho me parece muito claro, e custo a acreditar que levei tanto tempo para compreendê-lo. É claro que a conclusão à qual cheguei não passa de especulação, mas explica perfeitamente todas as anomalias do que aconteceu – os lapsos temporais e minha amnésia profunda. Pode ser que do que direi agora, nada ou bem pouco seja verdade, mas eu particularmente acredito em tudo o que segue.

No lapso de duas horas da primeira noite, entrei na nave. O que lá ocorreu não posso precisar, mas os alienígenas devem ter tomado amostras genéticas minhas e uma cópia completa de minha memória, e isso em particular não sei como poderia ter sido feito, mas para uma civilização cientificamente mais avançada como a deles não deve ser difícil. Enfim, fui devolvido depois das duas horas, mas antes fui sugerido hipnoticamente a não me lembrar delas, e provavelmente a passar mais uma noite ali. Com meus genes eles construíram uma réplica exata de meu corpo, e nele implantaram as memórias que haviam copiado. Na noite seguinte, trocaram os corpos. Portanto, não sou Scott, mas uma réplica exata dele! Eis porque

não lembro de um dia inteiro: não fui eu que o vivi, foi o original de mim e na troca não houve tempo para que essas novas memórias fossem acrescentadas às minhas.

Penso em quantas pessoas não estarão vivendo nesse mundo, sem saber que não são aquele que pensam ser. Pessoas nas quais o trabalho executado pelos extraterrestres, devido às circunstâncias, teria sido melhor, sem que se deixasse nenhuma pista. Pessoas sozinhas, por exemplo, por muito tempo em uma fazenda, e que hoje são réplicas de outras, assim como eu. Ou talvez eu seja o único.

Mas, e o original? Deve ter sido levado à Sirius, para estudos. Apesar de termos lembranças comuns, somos agora pessoas diferentes, pois estamos passando por experiências diferentes. Mas será que posso me considerar um ser humano, ou sou apenas um produto extraterrestre? Será que posso me chamar de Scott, ou de apenas uma réplica dele? Talvez possa dizer que somos a mesma pessoa vivendo, por assim dizer, realidades paralelas. Eu aqui passo por uma crise de identidade, mas ele deve estar passando por algo bem pior, afastado da Terra, de nossa família e amigos – digo nossa porque temos o mesmo sentimento em relação a eles –, e ainda por cima sendo estudado como um cobaia. Não queria isso para mim, mas de certa forma sou eu que estou passando por isso. Quais serão nossos destinos? Talvez ele tenha sido levado temporariamente. Nesse caso, o que acontecerá comigo quando ele retornar? Talvez seja eliminado, como uma simples peça substituta que já não tem mais uso. Acho que se isso acontecer, nossas memórias serão fundidas, para que ele não se sinta perdido em seu planeta depois de uma longa viagem, com uma longa "amnésia", nem que suas experiências sejam perdidas. Eu continuaria então a existir, mas apenas em suas memórias. Ser a mesma coisa? Só o tempo poderá responder. Enquanto isso, olho as estrelas, aguardando um retorno incerto.

São Paulo, 7/8/9 de abril de 1992

*adaptado a partir de estória de julho de 1987
e esboços de dezembro de 1989*

EGOFOBIA

O livro de psicologia estava ali na prateleira, oferecendo-se. Andreas apenas esperava, folheando uma revista de computadores sem realmente ver suas páginas. A oferta continuava. Era como se o livro olhasse para ele, chamando-o. Mas Andreas precisava esperar. Não devia demorar muito ainda. Já eram quase nove horas.

Os minutos se arrastavam. O tempo não corria, apenas caminhava. A impaciência aumentava, o livro se oferecia e Andreas tinha que esperar. Nove horas. "Vão chegar atrasados."

Finalmente seus pais apareceram na sala para se despedir. Sua mãe lhe perguntou se ia sair, mas já sabia que a resposta era negativa. Acrescentou que não tinham muito horário para voltar, pois nesses jantares o pessoal sempre ficava além da comida. Mais duas ou três repetidas palavras de recomendações e deixaram-no sozinho.

Andreas ainda verificou se haviam deixado a porta da frente bem trancada. Foi à prateleira, e finalmente pegou a livro que tanto se oferecia.

No carro, seu pai dizia que ele deveria sair mais de casa, cultivar mais as amizades, enfim, ser mais sociável. Qual era o problema afinal? Sabiam que ele era um jovem retraído, mas percebiam que não gostava de ser tão introvertido, e que era querido pelos amigos. Qual seria o bloqueio, então? A mãe repetia o que a psicóloga tinha lhe dito, algo a ver com insegurança de adolescência. Bastava lhe dar algum tempo e ocasionais palavras de encorajamento que isso passaria. Continuaram a repetir essa conversa que já haviam tido até chegarem ao jantar, onde esqueceram do assunto.

Andreas já havia folheado o livro e procurado no índice por um tema que talvez pudesse ajudá-lo. Escolheu um entre dois ou três que encontrou, e pôs-se a ler.

Não foi depois de muito tempo de leitura que ele descobriu o significado da palavra ego, em termos de psique – ego, o Eu. Juntamente veio alter-ego, o eu alternativo, a personalidade oposta. Era nisso que deveria se concentrar, decidiu. Se estava tentando modificar seu modo de ser, e assim sendo de agir, deveria se mirar numa personalidade oposta a sua.

Interrompeu a leitura e pensou em seus colegas, e nos amigos deles, conhecidos seus, mas não conseguiu encontrar ninguém que se aproximasse

de seu alter-ego. Se fosse o seu oposto em um aspecto, era semelhante em outro; apesar de que se sentia diferente de todos eles.

Começou a pensar no modo como se relacionava com essas pessoas. Todos o amedrontavam, todos de alguma forma o intimidavam. Parecia que representavam alguma ameaça, apesar de lhe serem sempre muito gentis, pelo ao menos quando se dirigiam a ele. Mas sabia que era um engodo, sabia o que pensavam dele. Ele era diferente.

Mas por que tinha que ser assim? Levantou-se da cadeira de balanço onde estava e foi até o espelho da sala observar-se. Buscava uma resposta. Quem era ele afinal? Quem seria aquele do outro lado? Tinha uma expressão triste. Os óculos davam-lhe um ar intelectual, mas um tanto desajeitado. Melhor dizer então intelectualóide, combinava mais com ele. Era inteligente, sem dúvida – uma olhada apenas para aquele rosto já dizia isso –, mas ainda assim era ingênuo. Aquele olhar era um olhar ingênuo – um olhar simples, perdido. Era também um olhar humilde. Devia ser possível ser humilde sem ser ingênuo, mas naquele caso era os dois. Havia mais alguma coisa. Aquele olhar tinha sensibilidade. Ele era uma pessoa sensível. Era ainda um olhar amedrontado, até mesmo covarde. Não podia ser usado para se ver diretamente nos olhos das pessoas, pois sempre se esquivava. Um olhar simples, mas cheio de significações. Seu rosto não era especialmente feio, mas não era do tipo que chamava a atenção, e os óculos contribuía para isso, o penteado contribuía para isso, as expressões contribuía para isso, e o olhar... o olhar também contribuía para isso. Não podia esperar que gostassem de alguém assim, cujo próprio rosto não se impunha. Voltou à cadeira de balanço.

Pensou novamente em seus colegas e conhecidos. Gostaria de estar entre eles sem medo, sabendo se defender se fosse preciso, mesmo que de simples palavras. Gostaria de beber com eles, se divertir. Gostaria de saber conversar com eles sem temer sem chato. Gostaria de sair com garotas, como eles. O que será que diziam para conquistá-las? Gostaria de muitas coisas, mas não se imaginava fazendo nada disso. Queria não ser tão diferente dos outros.

A essa altura, Andreas já havia recostado sua cabeça, fechado os olhos e se posto a divagar. Começou a se imaginar de outra maneira. Procurava por seu alter-ego. Acabou adormecendo e sonhando com ele.

Não usava óculos, e o corte de cabelo era diferente, algo mais moderno. Suas roupas também haviam mudado. Sua postura era outra, assim como suas expressões. Era um estilo mais atraente, algo mais agressivo. Seu comportamento era seguro, decidido.

Quando Andreas acordou, sabia o que queria ser. Talvez Natasha pudesse gostar dele se ele fosse daquele jeito. Tentou retornar à leitura, mas estava empolgado demais com a imagem que fizera de si mesmo. Ele ia se transformar em seu alter-ego. Ele queria isso. Sentiu que esse sopro de convicção, de espírito empreendedor já fazia parte do seu novo eu.

Interrompeu esses pensamentos apreensivo, pois ouvia passos na casa. Deveria estar sozinho. Pensou em se levantar para checar, mas estava imobilizado pelo medo. Prestou atenção apenas. Não escutou mais nenhum ruído.

Ainda era um covarde afinal. Ainda tinha medo de sons imaginários. Isso lhe entristeceu. Precisava mudar. Agora já sabia quem queria ser. Continuou a pensar fixamente em seu alter-ego.

Novamente ouviu passos, e alguns outros ruídos que indicavam que alguém estava lá – um ladrão talvez. Andreas fez um esforço incomensurável, e se levantou da cadeira. Precisava checar. Não por uma questão de segurança, mas por ele mesmo.

Os passos continuavam. Andreas caminhou cauteloso até o hall de entrada que ligava a sala onde estava com o resto da casa, onde o intruso deveria estar.

Os passos se tornaram mais firmes e nítidos. Agora tinha certeza de que havia alguém ali. E parecia que vinha ao seu encontro, até o hall. Andreas apavorou-se. Quis fugir, mas quando tentou fazer isso, percebeu que a chave havia sido roubada. Não poderia abrir a porta; estava encurralado portando. Apenas esperou, apavorado. Mas não veio ninguém. Os passos tinham cessado.

Andreas deixou-se cair, sentando-se no chão, encostado na porta da frente. Devia estar ficando paranóico... Não! Havia alguém ali; apenas estava sem se mover. Talvez tivesse notado a sua presença e estivesse com medo também. Andreas tentou escutar algum ruído acusativo, mas nada chegou aos seus ouvidos. O silêncio era absoluto.

Aos poucos, o medo foi passando, junto com os minutos, mas ele continuava sentado ali. Olhou o livro em suas mãos, fechou os olhos e começou a se imaginar novamente como seu alter-ego – aquele rapaz destemido e atraente –, até que finalmente se esqueceu do intruso imaginário. Estava mais preocupado agora em sonhar com o dia em que seria popular, carismático.

E novamente teve que abandonar suas divagações. Os passos vieram ao seu encontro, e pararam a alguns metros dele apenas. Havia alguém ali. Andreas teve medo de abrir os olhos. Duelou contra seu próprio pavor para

fazer isso. E quando finalmente conseguiu, sua reação foi levantar-se surpreso. Diante de si estava seu alter-ego, exatamente como o tinha imaginado. Era ele próprio, se tivesse uma personalidade oposta a sua. Mas algo o incomodou profundamente. O olhar não era covarde, mas parecia insensível, uma tanto imoral até. E havia algo de cruel em seu sorriso.

Ego e alter-ego fitaram-se por alguns instantes, até que o segundo, com elegantes e habilidosos movimentos, sacou uma faca do bolso de trás da calça. Andreas conhecia esse tipo de arma apenas dos filmes de gangues de ruas.

"Você quer que eu tome o seu lugar... estou aqui pra isso.", disse finalmente o alter-ego em tom sarcástico e arrogante, aproximando-se ameaçadoramente.

Andreas compreendeu tudo imediatamente: assumir outra personalidade seria anular a si próprio, seria o equivalente a morrer e deixar seu corpo a outra pessoa. O livro caiu de suas mãos. Havia desistido de mudar, e o alter-ego desapareceu de sua frente.

Enquanto devolvia o livro à prateleira, decidiu que as pessoas teriam que aceitá-lo do jeito que era. Poderiam gostar dele assim mesmo, bastava um pouco de autoconfiança. Talvez até já gostassem, apenas ele não sabia.

*Escrito a 25 de maio de 1992, São Paulo
e a 1 e 2 de junho de 1992, Santa Rita*

*baseado em esboços de agosto de 1988
filme de julho de 1990
novos esboços de novembro de 1991*

A AMPULHETA

Eram nove e quarenta da noite de sábado quando os pais de Felipe encontraram seu corpo sem vida em seu quarto. Estava sentado diante de uma escrivaninha, caído sobre ela, com um revólver em uma das mãos. Aparentemente tinha sido cometido suicídio. O choque, é claro, foi enorme.

Felipe não aparentava ter nenhum problema. Ao contrário, estava se saindo muito bem em tudo o que vinha fazendo. Era um adolescente bem sucedido, apesar de ter envelhecido rapidamente nos últimos anos, algo que nenhum médico conseguira diagnosticar. Mas ele próprio não parecia se preocupar com isso. Não havia, portanto, razão aparente para que pusesse fim a sua vida, até que sua carta de despedida foi lida, revelando grandes surpresas.

"Desisto de viver... e faço isso por causa de um maldito objeto mágico encontrado por acaso. Graças a ele, eu trouxe a desgraça para mim e todas as outras pessoas nesse mundo.

Um dia, andando na rua, percebi que César vinha em minha direção. Se não me escondesse, ele iria me ver, e todos sabem que além de se tratar de um mau caráter, ele tem ódio de mim. Se me visse, iria me matar. Entrei às pressas na casa de Caligari – o velho misterioso. Isso foi a três dias antes de descobrirem que ele havia morrido. Creio ter sido eu o primeiro a vê-lo morto, mas nada disse, pois achei em sua sala o tal objeto, do qual me apoderei.

Aquela ampulheta, nos primeiros instantes, era como um novo brinquedo, me encantou. Depois, como a atmosfera ao meu redor se alterava cada vez que sua areia escorria, me intrigou. E logo que descobri seu poder de congelar o tempo, me fascinou. Ela paralisava o tempo para todos, menos para mim, acredito que porque era eu quem a manipulava. Enquanto havia areia por cair, o tempo não andava.

É claro que passei a usá-la a meu favor. Guardei-a como um verdadeiro tesouro. Eu tinha mais tempo a meu dispor que as outras pessoas, e ninguém nunca saberia disso. Eu podia levar horas para fazer uma prova de cinquenta minutos, e consultar qualquer livro.

Eu podia desaparecer e reaparecer em outro lugar. Naturalmente, eu me movia numa velocidade normal, mas com o tempo congelado, afinal um instante para os outros podia ser uma eternidade para mim; e como resultado, meus movimentos poderiam parecer instantâneos.

Mas houve efeitos indesejados: enquanto todos envelheciam meses, eu envelhecia anos. Tinha mais tempo que os outros, envelhecia mais. Sou dez anos mais velho que os da minha própria idade. Tudo bem, tive vantagens sobre eles, tinha que pagar por isso de alguma forma. Nunca consegui parar de usar aquela estranha máquina do tempo, a tentação era sempre maior. E é claro, envelhecendo mais rápido que o próprio tempo, pagava por essa minha fraqueza também.

Mas essa não foi a real tragédia em que me afundei, levando toda a humanidade comigo. Quebrei a ampulheta com o tempo paralisado. Nada se move. Faz dias que é sábado. Ou semanas, não sei ao certo. Não posso mais viver solitário, cercado de semelhantes que não se movem, cada um deles como que a me acusar.

Não posso viver com esse peso. Por isso, desisto de viver. Se algum dia a vida voltar ao normal, então essa carta revelará ao mundo o tempo perdido."

Encontraram uma ampulheta quebrada no quarto de Felipe. Se a carta dizia realmente a verdade, e é o que parece, então talvez tenha sido sua morte que fez com que o tempo voltasse ao normal. De qualquer forma voltou, e é isso que importa.

*Escrito a 18 de fevereiro de 1992
e 2,3 de junho de 1992*